

CONCEITO AMPLIADO DE ARTE E FILOSOFIA: UM DIÁLOGO ENTRE JOSEPH BEUYS E EDMUNDO HUSSERL.

Ana Catarina M. da Cunha Martins Portugal – Universidade Federal Fluminense.

Resumo: O presente trabalho busca uma aproximação entre o artista Joseph Beuys e o filósofo Edmund Husserl. Percebemos uma relação entre ambos em questões originárias semelhantes no que tange à "crise européia". Ambos parecem reclamar uma urgência de compreensão do espírito dificultada pelo racionalismo, de uma busca da essência primeira do homem, reconstituindo uma totalidade corrompida. A partir de tais idéias, proporciona-se uma identificação entre arte e vida, dissolvendo as fronteiras outrora colocadas pelo processo de racionalização.

Palavras-chave: Joseph Beuys, Edmund Husserl, arte ampliada.

Abstract: The present work searches an approach between the artist Joseph Beuys and the philosopher Edmund Husserl. We perceive a relation enters both in similar originary questions in what it refers to the "European crisis". Both seem to complain an urgency of understanding of the spirit made it difficult for the rationalism, of a search of the first essence of the man, reconstituting a corrupted totality. From such ideas, it provides to an identification between art and life, dissolving the borders placed by the rationalization process.

Key-words: Joseph Beuys, Edmund Husserl, extended art.

“Como a maioria das pessoas pensam em termos materialistas, não podem entender a minha obra. Esta é a razão pela qual não considero necessário apresentar meros objetos, para fazer com que as pessoas comecem a entender que o homem não é um mero ser racional”
Joseph Beuys*

A produção do artista alemão Joseph Beuys não se limitou ao campo artístico, atingindo também o campo político e educacional. Ele não só ignorou fronteiras, como procurou aboli-las. A partir disso, começamos a nos

* BEUYS, Joseph *apud* in KLÜSER, Bernd. *Joseph Beuys: ensayos y entrevistas*.

aproximar do seu “conceito de arte ampliada” que via a arte como parte integrante da vida e como parte fundamental no processo de formação e organização social. Beuys acreditava que a arte estava presente na vida, no mundo, em qualquer lugar. Para ele, todos eram artistas, todos possuíam capacidades criadoras a serem desenvolvidas.

“Todo homem é um artista. Isso não significa, bem entendido, que todo homem é um pintor ou escultor. Não, eu falo aqui da dimensão estética do trabalho humano, e da qualidade moral que aí se encontra, aquela da dignidade do homem”.¹

Através do conceito ampliado de arte, utilizou toda uma variedade possível de materiais existentes no cotidiano para a “confecção” de suas idéias. Adotou uma postura extremada de códigos estéticos, utilizando materiais que se repetiam, fazendo parte de sua construção poética, como a gordura e o feltro. Buscava neles mais do que a sensação estética que eles poderiam despertar.

“(…) ampliando este entendimento da arte, nós estamos no processo de totalização da arte. Nós percebemos que a totalização da arte já não está agora relacionada com as atividades dos artistas e em suas especialidades, isolados no denominado campo cultural livre”.²

Em seu percurso, Beuys procurou explorar a idéia residual de arte como uma espécie de metáfora da experiência humana. O homem parecia deslocado da totalidade, não se reconhecendo mais como parte intrínseca da natureza e, portanto, era preciso reconhecer o caminho de volta. Este homem estava envolvido por uma experiência marcada pelas guerras, pelos destroços, por uma estrutura social que estaria doente e reclamava uma cura, para a qual a arte poderia ser um precioso remédio. Segundo Nancy Unger³, o mundo

¹ BEUYS, Joseph. Polentrasport 1981: entrevista debate conduzida por Ryszard Syanislawisk. In: *Et tous ils changet le monde*. Catálogo da 2ª Bienal de Arte Contemporânea de Lion. p.110.

² BEUYS, Joseph *Apud. Joseph Beuys in America: energy plan for the western man*. Compilad by Carin Kuoni; p.56.

³ UNGER, N.M. “*Ecologia e Espiritualidade (o Re-encantamento do Mundo)*” In: *O Encantamento do Humano: Ecologia e Espiritualidade*. pp. 53-61.

atravessava uma crise de caráter espiritual, onde eram questionados conceitos, valores e a própria existência humana na procura do seu “eu”. O ser humano necessitava encontrar suas próprias respostas, tomando consciência de sua “real” interação com a natureza.

Para o artista, não era exatamente na montagem da obra de arte ou nos posteriores resíduos de suas *ações* que estava a sua importância, mas sim na experiência que a obra podia proporcionar ao ser humano. Enquanto se davam suas *ações* (na duração) é que a obra acontecia e, mais do que os resíduos materiais que pudessem promover, era a experiência e a reflexão que podiam provocar que interessavam ao artista.

Entender as idéias do artista sobre arte implica em observar também o momento em que foram concebidas. O homem europeu do período entre guerras e pós-Segunda Guerra encontrava-se num momento de fragmentação, com uma contemporaneidade repleta de contradições. Este homem, de acordo com o filósofo alemão Edmund Husserl, parecia ter esquecido a tradição espiritual vinda desde a antiguidade grega. É como se o objetivismo científico moderno tivesse afastado o mundo da subjetividade, da espiritualidade.

Tanto Husserl quanto Beuys parecem pedir por um certo resgate espiritual da humanidade, uma volta a conhecimentos elementares e universais, separados pelas constantes especializações a que a ciência moderna chegou, uma vez que tantas ramificações do conhecimento levaram a ciência a deixar de lado o espírito humano. Husserl aponta que *“por causa de seu objetivismo, a psicologia não consegue induzir em seu tema de reflexão a alma, ou seja, o eu, que age e sofre, em seu sentido mais próprio e mais essencial.”*⁴ Ao compartimentar o mundo e a vida em tantos pedaços, perdeu-se em grande parte a idéia do todo, um ideal também perseguido por Beuys por conta de suas raízes românticas.

Segundo Luiz Camillo Osório, *“a modernidade surge com o processo de racionalização das visões de mundo tradicionais, que se justificavam pelos mitos e pela religião, e que passam a se reestruturar segundo normas deliberadas racionalmente.”*⁵ Em pensamento similar, Joseph Beuys afirmara que:

“(…) o conceito atual de ciência tem uma validade extremamente parcial, que por certo não pode referir-se a todos os problemas do homem, porque está baseado preponderantemente nas leis da matéria. E aquilo que se refere à matéria não pode, necessariamente, referir-se à vida. (...) o pensamento científico ocidental despiu-se de todas as implicações de

⁴ HUSSERL, Edmund. *Edmundo Husserl: A crise da humanidade européia e a filosofia*; p. 91.

⁵ OSÓRIO, Luiz Camillo. *A estética Romântica e Joseph Beuys*; p. 5.

natureza mitológica até alcançar as formas mais concisas e sintéticas do ‘materialismo’”⁶.

Segundo Urbano Zilles⁷, após 1930, Edmund Husserl começou a criticar o objetivismo científico. Para ele, tal objetivismo acabara por criar, de certo modo, uma natureza idealizada e o menosprezo à complexidade que envolve a vida e os problemas humanos. Propôs uma espécie de “volta às coisas mesmas”, tentando entender o fenômeno como ele se dá na consciência, como ele é percebido no momento presente; despido de outras formulações prévias.

Husserl acreditava ser possível deparar-se com uma realidade originária e não só com sua representação. As formulações deveriam partir do fenômeno e não da tradição filosófica. “*Não é das filosofias que deve partir o impulso de investigação, mas sim, das coisas e dos problemas*”.⁸ Em 1979, Beuys afirmara, condizendo com a proposição de Husserl, que, para ele “*as pessoas no presente não são capazes de olhar o fenômeno. Elas vêm com suas idéias materialistas e as projetam sobre as coisas. E desse modo distorcem a realidade*.”⁹

Quando Husserl nos aponta uma crise das ciências europeias, enfatiza a crise das ciências fechadas numa série de *sistemas de proposições enunciáveis*, que não abarcavam mais “*questões decisivas para uma autêntica humanidade*”.¹⁰

Numa proposta de “volta às coisas mesmas” está implícita uma volta à totalidade, ao momento em que as ciências eram uma só, sob o manto da filosofia. Husserl tenta mostrar de que modo a crise da ciência moderna levou também à crise da humanidade europeia e, em última instância, do racionalismo. Aponta para a possibilidade da busca do homem pela razão ter se perdido durante o processo de ramificação da ciência. Seria preciso recuperar “o mundo da vida” (*Lebenswelt*) perdido na passagem das experiências *pré-científica*¹¹ para a ciência, num “*mundo que precede toda conceitualização metafísica e científica*.”¹²

⁶ BEUYS, Joseph. *A revolução somos nós: um socialismo livre e democrático*. In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (Org). *Escritos De Artistas Anos 60, 70*; p. 306-307.

⁷ ZILLES, Urbano. Introdução In: *Edmundo Husserl: A crise da humanidade europeia e a filosofia*.

⁸ HUSSERL, Edmund. *A filosofia como ciência de rigor*; p. 72.

⁹ BEUYS, J. *Joseph Beuys en conversación con entrevista Louweijn Wijers* in KLÜSER, Bernd. *Joseph Beuys: ensayos y entrevistas*; p. 155.

¹⁰ ZILLES, Urbano. In: *Edmundo Husserl: A crise da humanidade europeia e a filosofia*; p. 45.

¹¹ Termo esse utilizado pelo filósofo ao longo do texto “A crise da humanidade europeia e a filosofia”, como na página 74.

¹² ZILLES, Urbano. In: *Edmundo Husserl: A crise da humanidade europeia e a filosofia*; p. 50.

O mundo da vida, segundo Husserl, apresenta-se como um mundo dotado de experiências subjetivas que o objetivismo científico, com sua formalização, acabava por não dar conta, uma vez que a visão de mundo pelo olhar científico era uma visão mutilada, fragmentada, criando um distanciamento entre ambos os mundos. Através dessa fragmentação do mundo da vida, a ciência acabara por deixar de lado o sujeito humano. “À medida que se esquece, na temática científica do mundo circundante intuitivo, o fator meramente subjetivo, esquece também o próprio sujeito atuante, e o cientista não se torna tema de reflexão.”¹³

Seria preciso agora fazer um retorno ao pré-científico, a uma experiência de mundo que já existia anteriormente à ciência, que seria para Husserl muito maior do que o mundo das ciências. Segundo o pensador, “os progressos gigantescos, no conhecimento da natureza, agora devem ser estendidos ao conhecimento do espírito.”¹⁴ A crise se daria, justamente, pelo fato da ciência ter conseguido, aos poucos, afastar o homem das suas questões primordiais, perdendo a idéia de sujeito e conseqüentemente de liberdade, entendida esta, como uma forma de viver em harmonia e obediência com a natureza. De acordo com Beuys:

“Os problemas da vida, da alma, do espírito da humanidade, dos problemas da intuição, da imaginação, da inspiração, dos problemas do nascimento e da morte, dos problemas da sobrevivência em um âmbito mais amplo e de dar forma ao sentido do ser humano é algo que não pode ser resultado de uma compreensão materialista da ciência”.¹⁵

Os problemas da existência humana deveriam voltar ao foco da filosofia, trazendo de volta as questões sociais e culturais do homem. Era entendido pelo artista que a humanidade foi no passado muito evoluída espiritualmente e que no presente evolui materialmente, mas seria preciso pensar num futuro que pudesse unificar estes dois aspectos.

“O conceito positivista de ciência não é mais revolucionário, hoje, na medida em que está voltado exclusivamente para o desenvolvimento da tecnologia e da revolução industrial. Para o futuro, prevê-se uma consolidação do conceito positivista, atomista e materialista, na qual

¹³ HUSSERL, Edmund. *Edmundo Husserl: A crise da humanidade européia e a filosofia*; p. 91.

¹⁴ *Ibid.*, p. 88.

¹⁵ BEUYS, J. *Joseph Beuys en conversación con entrevista Louweijn Wijers in KLÜSER, Bernd. Joseph Beuys: ensayos y entrevistas*; p. 146.

não haverá mais espaço para implicações de natureza sociológica e psicológica, com um conseqüente aumento da alienação do homem, privado de sua espiritualidade e debilitado em sua vontade e em sua capacidade de autodeterminação”.¹⁶

Beuys, bem como Husserl, percebeu que um possível retorno ao originário, que é a busca pela compreensão do espírito, poderia dar conta deste momento de crise, onde a modernidade tentava tratar dos assuntos espirituais com uma objetividade que terminaria por levá-los a uma banalização do espírito. “*Se esta noção restrita de ciência se aplica à cultura e se converte em padrão para toda a cultura, esse será o fim da cultura, porque é o princípio da morte.*”¹⁷

Através de imagens míticas, o artista tentou uma volta ao pré-científico, ao originário. Separar as coisas metodicamente como pretendia a ciência, podia levar a uma impossibilidade de autocompreensão do espírito. “*Não tenho nada contra o método materialista de análises, mas acredito que temos que ampliá-lo para não ficarmos presos a uma uniteralidade muito reduzida de enxergar a vida.*”¹⁸ Através de uma possível retomada de “*evidências pré-lógicas, de um mundo de valores, do sentido da existência pessoal e coletiva*”¹⁹, Beuys clamava por um homem que pudesse manter a expressão e a criatividade humana, renovando, deste modo, o caminho trilhado pelo racionalismo, bem como o pretendido por Husserl:

“*A ratio de que agora se trata não é senão a compreensão realmente universal e realmente radical de si do espírito, na forma de uma ciência universal responsável, na qual se instaura um modo completamente novo de cientificidade, na qual têm seu lugar todas as questões do ser, as questões da norma, assim como, as questões do que se designa como existência.*”²⁰

¹⁶ BEUYS, Joseph. *A revolução somos nós: um socialismo livre e democrático*. In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (Org). *Escritos de Artistas Anos 60, 70*; p. 315.

¹⁷ BEUYS, Joseph *Apud in* MENNEKES, Friedhelm. *Joseph Beuys: Pensar Cristo*; p. 174.

¹⁸ BEUYS, J. *Joseph Beuys en conversación con entrevista Louweijn Wijers* in KLÜSER, Bernd. *Joseph Beuys: ensayos y entrevistas*; p. 146.

¹⁹ ZILLES, Urbano. In: *Edmundo Husserl: A crise da humanidade europeia e a filosofia*; p. 45.

²⁰ HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade europeia e a filosofia / Edmund Husserl; introdução e tradução Urbano Zilles*; p.95.

Para Beuys era preciso uma arte que pudesse proporcionar um novo homem e a idéia de escultura social traz em si a necessidade de moldar este novo homem e uma nova sociedade; mas não a partir de conceitos dados previamente. Assim como Husserl não partia de uma idéia dada de natureza para desenvolver sua filosofia científica, Beuys não partia de um conceito pré-estabelecido de arte, ele procurava ampliar limites, através de constantes experimentações, atitude que proporcionou ao artista a elaboração do *conceito ampliado de arte* e de *escultura social*.

Com um olhar voltado para o século XX, encontramos nas palavras do historiador Eric Hobsbawm ecos do pensamento de ambos, quando afirma que “o século XX caracterizou-se por um deslocamento do prestígio da visão racional e científica para as considerações intuitivas, sobre os desaminhos do mundo, explicitando o permanente esforço sempre renovado de entendê-lo.”²¹

Com o conceito de arte ampliada, Beuys pretendia também ultrapassar as barreiras de isolamento em que acreditava que a cultura se encontrava, isolada de outros campos da sociedade, como a política ou a economia. Segundo o artista, “*haveria uma determinação antropológica para que todo mundo fosse um artista na sociedade*”²², todo ser humano possuiria em si a capacidade de mudar, de moldar, de esculpir o mundo através da sua criatividade e esta só se desenvolveria num ambiente de liberdade. Ampliando o conceito de arte, seria possível perceber que essa não estaria apenas relacionada às atividades dos artistas e às suas “especificidades”, pondo a arte num campo cultural isolado, dotada de uma dita liberdade, onde “*você poderia fazer o que quer sem regras e sem responsabilidades*”²³. A idéia de uma arte ampliada, que perpassasse as mais simples atividades da vida, melhoraria também o próprio campo da “arte institucional”, uma vez que estaria dotada de uma liberdade ainda maior.²⁴

Para ele, o mundo se encontrava numa crise ocasionada pelo excessivo cientificismo, racionalismo e materialismo, que renegou as forças emotivas, instintivas e espirituais do homem. O excessivo materialismo fez com que o homem perdesse de vista o espiritual e a razão sobrepôs-se à emoção, tornando, aparentemente, o homem insensível à vida que está ao seu redor,

²¹ HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX*; p. 12.

²² BEUYS, Joseph. *Speech upon receiving an honorary doctorate degree from the Nova Scotia College of Art and Design, Halifax*. In: Joseph Beuys in America: energy plan for the western man. Compilad by Carin Kuoni; p. 55.

²³ Ibid., p. 56.

²⁴ Estas idéias foram apresentadas pelo artista em seu discurso ao receber o título de Doutor Honorário da Faculdade de Artes e Desenho da Nova Escócia em 1976. Tal discurso encontra-se na íntegra em: BEUYS, Joseph. *Speech upon receiving an honorary doctorate degree from the Nova Scotia College of Art and Design, Halifax*. In: Joseph Beuys in America: energy plan for the western man. Compilad by Carin Kuoni; p.53-57.

afastando-o de suas questões primordiais, perdendo a idéia de sujeito. Um homem capaz de destruir o outro, bem como também, de se auto-destruir. Através de sua obra e sua fala, Beuys buscava uma volta da espiritualidade em lugar do materialismo dominante. Muitas capacidades humanas não estavam sendo desenvolvidas, mas poderiam ser, era preciso apenas descobrir um modo de ativá-las. Beuys acreditava que somente através de uma consciência de si mesmo, da importância dada à espiritualidade, à emoção, o homem conseguiria um equilíbrio. Somente quando o homem tivesse consciência de si, ele poderia transformar a vida e a sua existência, e para ele, apenas através da arte isso seria possível. *“É tarefa da ciência e da arte, impor ao mundo uma nova imagem do homem e constatar que o ser humano é um ser espiritual e que, se for suficientemente alimentado de um modo espiritual, se sentirá satisfeito”*.²⁵

²⁵ BEUYS, Joseph *apud* in KLÜSER, Bernd. *Joseph Beuys: ensayos y entrevistas*.